

ROTEIRO DE ATIVIDADES

– 1º bimestre da 3ª Série do Ensino Médio: 2º CICLO –

EIXO BIMESTRAL: POESIA E ROMANCE NO MODERNISMO / MANIFESTO

PALAVRAS-CHAVE: MODERNISMO; MANIFESTO; POESIA MODERNISTA; PONTUAÇÃO.

TEXTO GERADOR 1

O fragmento abaixo integra o Manifesto Antropofágico maracá a 1ª fase Modernista. O grupo aprofundou a ideia da criação de uma poesia de exportação, já iniciada no Movimento Pau-Brasil, propondo a “devoração simbólica” da cultura estrangeira, aproveitando suas inovações, mas não perdendo de vista a identidade cultural brasileira.

Manifesto Antropofágico

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz. Tupy, or not tupy that is the question. [...]

Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiro e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil. Uma consciência participante, uma rítmica religiosa. Contra todos os importadores de consciência enlatada. [...]

Queremos a revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem. A idade do ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as *girls*. [...]

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.

Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós. Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia. [...]

Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo. Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de Senador do Império. Fingindo e Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses. [...]

Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Matias. Comi-o.

Só não há determinismo, onde há mistério. Mas que temos nós com isso? Contra as histórias do homem, que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem César. [...]

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti. Se Deus é a consciência do Universo Incriado, Guaraci é a mãe dos viventes. Jaci é a mãe dos vegetais. [...]

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Contra o índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Medicis e genro de D. Antônio de Mariz. A alegria é a prova dos nove. No matriarcado de Pindorama. Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renovada. Somos concretistas. As idéias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. Suprimamos as idéias e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas. Contra Goethe, a mãe dos Gracos, e a Corte de D. João VI. A alegria é a prova dos nove. [...]

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João VI:

-Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud - a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.

*Oswald de Andrade Em Piratininga, Ano 374 da deglutição do Bispo Sardinha.
(Originalmente publicado em **Revista de Antropofagia**, n.1, ano 1, maio de 1928, São Paulo.)*

Verbetes

Pindorama: país ou região das palmeiras; nome que os ando-peruanos e populações indígenas pampianas dão ao Brasil

Caraíba: entre os indígenas do século XVI, falantes do tupi antigo, feiticeiro indígena

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

O manifesto Antropofágico foi uma reação aos ideais do grupo Verde-Amarelismo. Releia o excerto abaixo e explique o porquê dessa reação ao grupo que mais tarde criaria a Escola da Anta.

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz. Tupy, or not tupy that is the question.

Habilidades trabalhadas: Caracterizar o Modernismo brasileiro e Identificar o caráter de transgressão/manutenção presente na literatura modernista.

Resposta comentada: Conforme trabalhado no 2º passo das Orientações Pedagógicas, os alunos já deverão saber a principal diferença entre o Verde-Amarelismo e o manifesto Antropofágico. Assim, esta questão é um momento para recordar e refletir melhor sobre esses movimentos.

Oswald de Andrade afirma que a antropofagia é a “Única lei do mundo.” Reforçando a inevitável condição do homem; viver em sociedade. O que trará como consequências influências diretas e indiretas das sociedades que, ao mesmo tempo influenciam e são influenciadas. Por essa razão eles questionavam o posicionamento radical dos adeptos ao Verde-Amarelismo, já que é inevitável o acesso a outras culturas.

QUESTÃO 2

Analisando todo o contexto histórico e a intencionalidade textual, justifique o emprego da frase abaixo no Manifesto Antropofágico.

Tupy, or not tupy that is the question.

Habilidades trabalhadas: Relacionar aos modos de organização da linguagem às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto sociocultural de cada época.

Resposta comentada:

Nesta atividade o aluno terá um exemplo concreto da ideia da devoração da cultura estrangeira, pois Oswald faz referência a uma das frases mais conhecidas da literatura internacional “To be or not to be is the question”, da personagem Hamlet de William Shakespeare.

Assim como a personagem Hamlet, Oswald também passa por momentos de profundas indagações, reflexões; por isso “devorou” tal influência estrangeira e aplicou-a com “brasilidade”.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 3

Retire dos fragmentos abaixo, trechos que exemplifiquem a não obediências às normas gramaticais defendidas pelos modernistas.

Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós. Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia.

Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo. Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de Senador do Império. Fingindo e Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.

Habilidade trabalhada: Explorar questões relacionadas à pontuação em sua articulação com a estrutura sintática e com as escolhas estilísticas dos autores.

Resposta comentada:

No primeiro fragmento as frases “Contra o Padre Vieira.” e “Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão.” deveriam ser ligadas por vírgula, já que “autor do nosso primeiro empréstimo” exerce função de aposto de Padre Vieira.

Já no segundo trecho as frases “Contra as elites vegetais.” e “Em comunicação com o solo.” Também deveriam ser ligadas pela vírgula, assim como as frases “O índio vestido de Senador do Império. Fingindo e Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.”

TEXTO GERADOR 2

Ode ao Burguês é o nono poema da obra *Paulicéia desvairada*, de Mário de Andrade. Foi lido durante a Semana de Arte Moderna de 1922, para o espanto da plateia.

*Eu insulto o burguês! O burguês-níquel
o burguês-burguês!
A digestão bem-feita de São Paulo!
O homem-curva! O homem-nádegas!
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,
é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!
Eu insulto as aristocracias cautelosas!
Os barões lampiões! Os condes Joões! Os duques zurros!
Que vivem dentro de muros sem pulos,
e gemem sangue de alguns mil-réis fracos
para dizerem que as filhas da senhora falam o francês
e tocam os “Printemps” com as unhas!*

*Eu insulto o burguês-funesto!
O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições!
Fora os que algarismam os amanhã!
Olha a vida dos nossos setembros!
Fará sol? Choverá? Arlequinal!
Mas as chuvas dos rosais
O êxtase fará sempre Sol!*

*Morte à gordura!
Morte às adiposidades cerebrais!
Morte ao burguês-mensal!
Ao burguês-cinema! Ao burguês-tiuguiri!*

*Padaria Suíssa! Morte viva ao Adriano!
_ Ai, filha, que te darei pelos teus anos?
_ Um colar... _ Conto e quinhentos!!!
_ Más nós morremos de fome!*

*Come! Come-te a ti mesmo, oh! Gelatina pasma!
Oh! Purée de batatas morais!
Oh! Cabelos na ventas! Oh! Carecas!
Ódio aos temperamentos regulares!
Ódio aos relógios musculares! Morte á infâmia!
Ódio à soma! Ódio aos secos e molhados
Ódios aos sem desfalecimentos nem
arrepentimentos,
sempiternamente as mesmices convencionais!*

*De mãos nas costas! Marco eu o compasso! Eia!
Dois a dois! Primeira posição! Marcha!
Todos para a central do meu rancor inebriante!
Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!
Morte ao burguês de gíolhos,
cheirando religião e que não crê em Deus!
Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!
Ódio fundamento, sem perdão!
Fora! Fu! Fora o bom burguês!...*

Ode: entre os antigos gregos, poema lírico destinado ao canto; poema lírico composto de estrofes de versos com medida igual, sempre de tom alegre e entusiástico.

[TRECHO REMOVIDO]

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

Releia os versos extraídos do texto “Ode ao burguês” de Mário de Andrade. Lembre-se de que esse texto foi lido na Semana de Arte Moderna de 1922. Sendo assim, explique de que forma a organização dos versos abaixo reforça os ideais modernistas.

*Eu insulto as aristocracias cautelosas!
Os barões lampiões! Os condes Joões! Os duques zurros!*

Habilidade trabalhada: Explorar questões relacionadas à pontuação em sua articulação com a estrutura sintática e com as escolhas estilísticas dos autores.

Resposta comentada:

A declaração ardorosa do primeiro verso é reforçada pelo emprego dos pontos de exclamação, pois desta forma os apostos explicativos ganham mais intensidade e notoriedade. Sem falar no emprego de palavras como “lampiões”, “joões” e “zurros” agregam ao texto a identidade modernista, já que são empregados como determinantes dos substantivos “barões”, “condes” e “duques”. Palavras pertencentes ao campo semântico do período imperial, que ironicamente fazem alusão à forma da “construção” da “realeza brasileira”. Tal crítica revela concretamente a importação da cultura estrangeira sobre a organização social brasileira.

[TRECHO REMOVIDO]